

Apresentação

O tema dos artigos aqui reunidos surgiu de discussões entre colegas do Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Indagávamo-nos sobre a construção do ser humano como cidadão e pessoa, bem como acerca das implicações da educação nessa tarefa. Em 2005, realizamos o I Simpósio sobre Subjetividade e Educação, e pretendíamos que esse evento fosse um acontecimento que marcasse o antes e o depois na vida acadêmica, tanto em nossa instituição quanto para aqueles que partilhassem o momento conosco. Afinal, pretensão e água benta, diz a sabedoria popular, não fazem mal a ninguém. Lembrávamos do filósofo francês contemporâneo Alain Badiou: que nosso evento desse início a um processo de verdade, originando a fidelidade ao próprio acontecimento que o geraria. Assim nascem os sujeitos e se alimenta a subjetividade. Do encontro com colegas de outras universidades surgiu a idéia de publicar um livro, cujo eixo condutor fosse o tema subjetividade e educação, e para o qual cada um prometeu um artigo. Eis aqui o processo de verdade, marcando o fruto do acontecimento que o gerou. De lá para cá, não cansamos de nos indagar sobre essa temática, e esse livro é símbolo da continuidade de nossas pesquisas.

O termo subjetividade foi empregado por Hegel, no início do século XIX, para dar conta de algo intrínseco ao homem e que, sendo determinado pelo espírito absoluto, ultrapassa-o. Envolve uma forma de ser marcada pelo tempo e o lugar em que o sujeito vive. Já o termo sujeito é caracterizado por esta peculiaridade: o desejo inconsciente que o constitui como singularidade, inserido numa época e em sua história de vida, com a memória de acontecimentos passados e projetos futuros. O subjetivo, portanto, contrapõe-se ao que é verificável, mensurável, observável; suplanta o mundo das aparências

e pretende buscar a essência humana. A subjetividade é o sujeito em tudo o que constitui seu *ser-em-si* e *para-si*, em suas disposições naturais e capacidades no sentir, no querer, no pensar, na nostalgia, no amor, no sofrimento e na fé. Numa palavra, a subjetividade é interioridade.

No início do século xx, a invenção da psicanálise desvelou para a humanidade os universos subjetivos, levando o homem a investir no desvendamento do seu mundo interno. Já nossa época, chamada por alguns de pós-modernidade, tem discutido a afirmação de que o sujeito da modernidade está morto. Com essa assertiva, dá lugar a uma nova concepção de sujeito, ao se opor à idéia de um ser uno, indiviso, segundo a concepção em vigor na modernidade. A subjetividade contemporânea é, portanto, multifacetada, fragmentada, formada de miríades, num caleidoscópio de possibilidades de combinação, que, no entanto, obedecem ao potencial de existentes numa cultura e numa época determinadas. Ela é *multi*, *trans*, *hiper*.

A educação, a primeira das profissões impossíveis enumeradas por Freud, corresponde ao mais essencial fator de promoção da vida em sociedade. Ao mesmo tempo que a educação primária, prestada no lar pelos pais, constrói subjetividades, sendo tema de alguns dos artigos aqui reunidos, a educação secundária, discutida em outros, dá-se nos anos escolares e corresponde a um período de socialização e convívio com o diferente: professores e colegas. Esses artigos abordam alguns dos aspectos em jogo nesse período e realçam inter-relações da educação e da subjetividade com a construção da memória, a história, a filosofia, e a psicanálise.

O LIVRO ESTÁ ORGANIZADO EM QUATRO eixos matriciais, que procuram alinhar um fio condutor. No primeiro deles, destaca-se o auxílio do referencial teórico da psicanálise para a compreensão dos avatares da educação. Ao buscar uma leitura mais ampla do que é educar uma criança, Lina Galletti Martins de Oliveira apresenta o percurso da Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, da qual é uma das fundadoras. Tendo como base a concepção psicanalítica a respeito da constituição do psiquismo e, conseqüentemente, da relação desta com o ato educativo, essa escola do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) tem como principal objetivo ser uma instituição de tratamento possível para os quadros de autismo e psicose em crianças. Da proposta inicial de tratamento desses quadros passou-se para outra proposta de atendimento institucional, que contempla uma articulação entre o analítico e o educacional, por meio da chamada educação terapêutica, ou seja, de uma relação possível entre a educação e a constituição da subjetividade.

Rita Maria Manso de Barros discute as relações entre psicanálise e educação. Na pós-modernidade, que trouxe consigo o aumento da violência cotidiana, observa-se que a sociedade vem cumprindo mal a tarefa de proporcionar meios de controle e adiamento da satisfação da pulsão de morte. Em face desse quadro, propõe-se a utilização de conceitos criados pelo gênio de Freud para os educadores que pensam o sujeito além da mera reprodução e podem se valer dos mesmos para promover o desabrochar subjetivo. Nesses termos, a psicanálise é vista como uma espécie de pós-educação, uma vez que oferece à pulsão meios de satisfação que não permanecem restritos à criação de sintomas e, portanto, possibilitam outros destinos para o ato violento.

Maria Ines Saadi de Tozatto, por sua vez, aprofunda a discussão do quanto a herança psíquica interfere e configura a subjetividade, impulsionando a criação de significantes transmitidos às gerações seguintes. Para andar sem maiores impedimentos, é preciso conhecer as origens, pois a herança familiar lega um patrimônio afetivo que se transmite entre e pelas gerações passadas e atuais, sendo acolhido ou rejeitado pelo grupo familiar. De um modo ou de outro, como diziam os antigos gregos, a herança psíquica determina o destino. Como escapar ou elaborar essa história prévia que nos determina e constrói subjetividades?

No segundo eixo, a relação entre educação e diferença norteia as reflexões acerca da prática educacional. Ao destacar a monotonia e a diversidade como dois aspectos que caracterizam formas de subjetividade cotidianas, Francisco Ramos de Farias elabora uma tessitura do social. De um lado, forçados pela monotonia, encontram-se sujeitos que elegem o consumo imediato como a única modalidade de satisfação possível; de outro, o campo social oferece uma diversidade de meios apaziguadores e reguladores para o excesso de tensão. Contudo, ao não abrirem qualquer possibilidade para que o novo, o diferente emergja, os sujeitos, sensíveis aos efeitos dessa desagregação, tornam-se desconfiados e constantemente ameaçados, reagindo de forma agressiva, bem como mostrando-se dispostos a utilizar os mais amplos meios de defesa em face de ameaças muitas vezes imaginadas, ainda que escoradas na realidade.

Maria Angela Monteiro Corrêa considera a escola o espaço da diversidade, das contradições e dos conflitos, lugar de transmissão de conhecimentos e, portanto, de transformações necessárias ao desenvolvimento tanto individual quanto social, ambos pautados pelo respeito ao outro e à pluralidade. Nesses termos, a subjetividade corresponde à harmonização de múltiplas variáveis que se integram na complexidade do todo social, ou seja, na conjugação de subjetividade, escola e conhecimento, ressalta-se a importância de diferentes

atores para a transformação das relações sociais, à luz da diversidade tomada como elemento positivo.

As reflexões de Valdelúcia Alves da Costa acerca da educação, da diversidade e da subjetividade se desenvolvem com base no pensamento de Theodor Adorno e Max Horkheimer. A autora destaca que as sociedades contemporâneas, imersas em tecnologias que pouco contribuem ao combate do preconceito em relação à diversidade, não têm sido capazes de fazer frente à barbárie. A educação, ao problematizar a cultura e a diversidade admitindo-as, permite que a subjetividade se produza, valendo-se da experiência, que é idêntica à educação para a emancipação proposta pelos dois pensadores alemães. Em outras palavras, Valdelúcia propõe a reflexão crítica no lugar da gelidez burguesa dos profissionais de educação.

Em seguida, Ana Canen empreende uma discussão sobre o multiculturalismo como desafio para a pluralidade cultural existente em nosso país, sobretudo no que diz respeito à educação. Questiona a viabilidade de desafiar noções de neutralidade técnica do currículo, tornando-o multiculturalmente orientado, bem como propõe modificações curriculares que promovam a crítica cultural e contemplem a diversidade, sem a criação de dicotomias e o congelamento da formação de educadores.

No terceiro eixo, convoca-se o campo da práxis por meio do diálogo com o cotidiano escolar. Ana Lucia Paes de Barros Pacheco relata seus achados em pesquisa realizada em creches de regiões menos favorecidas economicamente. Com isso, discute a importância das creches para que os pais tenham onde deixar seus filhos enquanto trabalham. A qualidade das creches pesquisadas pela autora, no entanto, deixa muito a desejar. Em decorrência da adoção de um modelo mecânico, a função das creches públicas e comunitárias tem sido, sobretudo, mediar a situação de miséria, relegando-se ou abandonando-se sua ação educativa. Segundo Ana Lucia, não pode haver educação desprovida de qualidade e da promoção do desenvolvimento infantil.

Partindo de dados sobre os elevados índices de reprovação e evasão escolar, Cristina Lúcia Maia Coelho pesquisou classes multirrepetentes com o objetivo de identificar as causas desses problemas sociais e verificou não só que o Transtorno do Déficit de Atenção e a Hiperatividade (TDAH) são, em geral, as causas mais veiculadas pela mídia, como também que estas, uma vez absorvidas por professores e pais como a origem das dificuldades de aprendizagem das crianças, geram expectativas imediatistas de resolução do problema pela ingestão de medicamentos.

O artigo de Numa Ciro tem como tema central o *hip hop* no Brasil, considerado por ela um dos acontecimentos artísticos e culturais mais marcantes

do país desde os anos 1990. As letras desse estilo musical, fundamentadas na resistência e na luta contra a violência que se abateu sobre a população das periferias e dos morros das grandes cidades do Brasil, pretendem enfrentar, pela elaboração artística, o que já se conforma como um genocídio. Em tal contexto, a autora procura embasar, à luz da teoria psicanalítica, a tese de que, nessas canções, a escrita do inconsciente deixa ver profundos apelos do desejo.

Escrever sobre as mesas das salas de aulas, deixando as próprias marcas, é prática que quase todos nós tivemos. Com base em pesquisa realizada num colégio tradicional do Rio de Janeiro, o texto de Sandra Albernaz de Medeiros visita de forma poética esse espaço de memória dos estudantes. O jovem, ao querer deixar sua marca, inventa signos que o identifiquem, razão pela qual a sala de aula pode se tornar lugar de ligações e de trocas, que vão muito além dos projetos pedagógicos elaborados com cuidado tanto terminológico quanto técnico. Sobre as mesas de estudo, surge em fragmentos a vida que se passa fora das atividades escolares.

Por fim, o quarto eixo tem como objeto de reflexão o entrelaçamento entre cultura e subjetividade. Valendo-se de um quase já esquecido casamento de duas personagens públicas, Regina Abreu desconstrói os fascínios da mídia, que leva a níveis estratosféricos o narcisismo cotidiano, provocando a hipertrofia do eu, em detrimento do que é coletivo. Para combater tal destino, recorda uma visão de escola e de educação que vai na contramão da cultura individualista, narcísica, pois deixa em primeiro plano as relações sociais e a construção da sociedade.

Já Angela Maria Souza Martins trata da subjetividade na historiografia da educação, em que o historiador é simultaneamente sujeito e porta-voz do contexto social. Em outras palavras, a historicidade de um acontecimento se realiza pelo encontro da subjetividade do historiador com a objetividade do fato, embora os documentos históricos só adquiram sentido por meio da diversidade de interpretações que constroem suas significações. A educação deve romper com a história meramente narrativa e pesquisar o “como” e o “porquê” dos acontecimentos históricos.

À luz da questão foucaultiana “o que somos nós?”, Walter Omar Kohan tece considerações sobre os educadores vis-à-vis a política, a filosofia e a educação. Ainda que, em suas definições e atribuições, os conceitos de polícia e política se assemelhem a princípio, o autor desnuda suas diferenças com o intuito de separar o joio do trigo, isto é, a pedagogia, de um lado, e a educação, do outro. A primeira é o lugar da polícia, dos que sabem, pois nega a igualdade inicial e propõe hierarquias; a educação, por sua vez, é o lugar da

política, dos que não sabem, haja vista pressupor a igualdade sem hierarquias. Enquanto a pedagogia enrijece o pensamento, a educação o liberta. Com efeito, a pedagogia está tão cheia de respostas fáceis, simplificadoras e superficiais, que gerar questões é o mais salutar. Respiremos!

Nailda Marinho da Costa Bonato elabora seu texto em torno da questão da história da educação voltada, essencialmente, para o feminino. Partindo de textos da época do Império, em que mesmo os liberais clássicos enalteciam a educação feminina voltada para o desempenho da mulher nas funções de esposa e mãe, Nailda observa que a mulher só foi lentamente conduzida da casa para rua, ganhando novos espaços de atuação, à medida que a busca de progresso passou a ser orientada por um novo regime na Capital Federal. Sua discussão, portanto, destaca as especificidades do processo educativo para as mulheres e a criação de escolas dedicadas à educação feminina, segundo exigência do Estado.

Por fim, Lúcia de Mello e Souza Lehmann tece interessante reflexão sobre novas práticas, criadas por jovens, de acesso à educação. Tendo como ponto de partida o *blog* “falasujeito”, nome dado por determinado jovem ao seu endereço eletrônico, vários outros jovens se comunicam com colegas, mandam recados, marcam encontros e trocam informações diversas. Por abarcar a possibilidade de novas experiências, a autora refere esse cenário à outra dimensão da constituição do sujeito contemporâneo, suscitando questões para o educador, que tem nesse referencial um instrumento para entender novas formas de construção das subjetividades.

Antes de encerrar, é preciso mencionar duas figuras dos bastidores, igualmente importantes: Maria Angela Monteiro Corrêa, autora de um dos artigos, e Diógenes Pinheiro, colegas do Departamento de Fundamentos da Educação, que foram solidários no trabalho de revisão dos artigos recebidos. Juntos, compusemos uma espécie de Comissão Editorial para esta publicação. Tendo assim apresentado os artigos que a compõem, convidamos o leitor a nos acompanhar na caminhada pelos meandros da subjetividade, que se constrói, entre outros lugares possíveis, por meio da educação.

Rio de Janeiro, outubro de 2008

Rita Maria Manso de Barros